

A CASA  
DE  
**DUAS PORTAS,**

NOVELLA

de ~~C. Vetter~~-Delanoue ;

TRADUZIDA

por P. B.



RIO DE JANEIRO,

TYP. IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E COMP.,  
RUA DO OUVIDOR, N. 65.

—  
1839.



# A CASA

DE

## DUAS PORTAS.

---

I.

Em huma das mais escuras e mais tortas ruas do bairro Quincampoix, divisava-se, ha huns cem annos, huma casa arruinada e negra, cujo estreito corredor, fechado por huma grossa porta de ferro, se terminava em huma escada de caracol em lugar inteiramente escuro. Este negro casebre tinha hum exterior ao mesmo tempo vergonhoso e ameaçador. Miseravel e a cahir á primeira vista, na realidade era solido e forte, semelhante a esses corpos cacoehymos e rachiticos, que hum assopro parece dever fazer cahir, e que contém almas de bronze. Portas massiças se cruzavão nas muralhas, gatos de ferro prendião grandes pedras humas ás outras. A porta da entrada, como dissemos, era pesada e robusta, e gemia quando volvia sobre seus gonzos, lastimando-se com sua armadura de grandes pregos. A desolada frentete era aberta de longe em longe por algumas raras janellas irregularmente collocadas, e mais semelhantes a essas seteiras que os architectos francezes chamão poeticamente *lumes de soffrimento*. Era por esses buracos que respirava o edificio; e ainda assim o ar só chegava ao interior filtrando com grande difficuldade por entre varões e grades de ferro.

O caminhante se voltava por instincto e tomava o outro

lado da calçada, quando lhe apparecia essa casa de sinistro agouro. Era porque se diria que essa porta, tão bem fechada, ia abrir-se de momento a momento para dar passagem a algum carcereiro: dir-se-hia que de cada buraco desse muro ia sabir hum negro enxame de agentes da policia e da justiça. Taes habitações com effeito contém de ordinario semelhantes hospedes; mas devemos notar que a casa de que fallamos estava isenta desse accrescimo de fealdade. Não era casa de policia, não era ninho de justiça. O que era então?

Não referiremos aqui o infinito numero de anécdotas que circulavão a respeito dessa mysteriosa casa. Cada visinho forjava a sua historia. Mutuamente perguntavão a que genero de occupação (illicita, já se sabe) podião entregar se os habitantes dessa espelunca? As conjecturas não cessavão. — Faz-se moeda falsa nos subterrancos deste máo jazigo, dizia hum. De noite ouve-se hum bulha surda como pancadas de cunhos. He singular que a policia não tenha concebido suspeitas. — Que! dizia outro, não são pancadas de cunhos. Quereis embaraçar hum cavallo de sapatear na estrebaria? Eu moro ao lado dessa casa, e he isso o que vos engana. Eis-aqui a verdade: parece-me que nessa furna impenetravel ha hum velho avarento que choca o seu dinheiro. Todo este edificio he hum burra. Se se podesse entrar lá pelo buraco da fechadura!... Mas o velho mariola tem cuidado de calafetar tudo. Elle só toma o ar e luz justamente necessarios a hum triste creatura humana para viver. Em breve só permittirá ao sol entrar-lhe em casa por algum buraco. — Enganais-vos, dizia outro; aquella furna he apenas hum casa suspeita e permittida. Tenho ali visto entrar noite velha enhores mui ricamente vestidos, cujas carruagens esperavão no fim da rua. O maldito casebre não he realmente tão feroz como parece; tem suas horas boas, durante as quaes

desapparecem suas rugas para dar lugar ao sorriso. Bem vedes que vai muito daqui aos vossos mocinhos falsos, e que a bulha que se faz no interior não póde parecer-se com a dos cunhos que cahem, ou com a do cavallo que sapatêa.

O leitor incerto nestas tres versões saberá em pouco qual se chega mais á verdade.

Hum dia que os discursos que acabamos de contar alimentavão, segundo o costume, a curiosidade dos logeiros da rua Quincampoix, hum imprevisto accidente interrompeu suas caritativas supposições. Hum carreta de aluguer, rapidamente puxada ao galope de dous vigorosos cavallos normandos, quasi csmagou hum passageiro de encontro á muralha. Amontoárão se todos em roda do ferido. Era hum mancebo, hum estrangeiro, tanto quanto se podia julgar por seu vestuario. Teria huns 30 annos, e sua physionomia interessante lhe ganhou logo a sympathia das mulheres que o cercavão. Huma cabelleireira compadccida reclamou o favor de recollir o desconhecido. Este declarou chamar-se Wilson, e pertencer a hum familia respeitavel de Londres.

A casa da cabelleireira era dividida em dous repartiamentos: o primeiro era a loja propriamente dita, officina, tenda, peça banal, onde vinhão os freguezes desejosos de se fazer *arranjar*. Ali não havia luxo; algumas cadeiras, hum pequeno escriptorio, 2 ou 3 veneraveis cabeças de páo, sobre as quaes já estavão esboçadas as cabelleiras de hum presidente, de hum procurador do Châtelet, e de hum conselheiro no parlamento. No angulo da direita hum fogareiro de barro; no da esquerda hum parteleira com toalhas dobradas e sabonetes de barba; cabellos entrançados, cacrupados, empoados, pendião ou jazião aqui e ali. Via-se tambem pendurado na parede hum estojo de cirurgiaão, attributo dos barbeiros daquelle tempo, que, como se sabe, sangravão e rapavão os

seus freguezes, á maneira do defunto Figaro. Tudo nesse aposento estava uniformemente sujo e luzidio. Os moveis estavam da côr das paredes, e dir-se-hia que essas paredes erão diariamente esfregadas com pomada, tanto brilhavão á luz duvidosa que entrava da rua. Muitos cbeiros se combinavão na atmospherã abafada dessa sala, e chegavão ao mesmo tempo ao nariz do freguez, apesar do soccorro de hum ironico *vasistas* que se abria de longe em longe para dar ar. Em huma palavra, tudo ali parecia feito para afastar a freguezia; e vêde a força do habito! era precisamente o que a attrahia.

Mestre Garin, o barbeiro, tinha huma antiga e numerosa clientella que lbe cra affeição e á loja por nós indissolúveis, posto que elle fosse feio e ella escura e suja; e isto mesmo se vê ainda em nossos dias, apesar dos incessantes progressos do luxo e da civilisação. Muitas vezes a voga vai apresentar-se em hum buraco, com preferencia aos mais espaçosos escriptorios, aos mais esplendidos armazens.

O outro repartimento era o pequeno salão, o camarim de M<sup>me</sup> Garin, camarim tão aceado, tão lindo, tão gamenho, tão elegante, tão perfumado, como a tenda de que sahimos era nauseabunda e desagradavel. Ali ottomanas por toda a parte, poltronas, tremós, hum toucador de mulher de qualidade guarnecido de ricas rendas, hum assetinado tapete da Persia, hum çãosinho em seu nicho, flores, ventarolas, cristaes; hum luxo de bom gosto. A transição era repentina e completa da loja ao camarim. He porque o camarim parecia-se com a cabelleireira e a loja com o cabelleireiro.

M<sup>me</sup> Garin fez entrar o joven estrangeiro para o camarim.

Na ausencia de Mr. Garin chamou-se da visinhauça hum cirurgião, que sangrou Wilson e que declarou a ferida de pouco perigo. As carnes dos braços estavam pisadas, mas os ossos não lnhão fractura,



Quando ficárão sós, Wilson, contemplando pela primeira vez o rosto da sua linda bemfeitora, não pôde reter huma vraca exclamação de surpresa e prazer :

— He certo, senhora? sois vós que me acolheis tão generosamente? a mim... estrangeiro... desconhecido?...

A cabelleireira lhe fez hum pequeno signal com a mão.

— Calai-vos, lhe disse ella. Não he prudencia fallardes, fraco como estais. Demais, que tem tudo isto de singular? Sois ferido a dous passos desta casa, levantão-vos, trazem-vos á minha casa... nada mais natural... E a menos que se tenha hum coração inteiramente deshumano....

A estas palavras interrompeu-se corando, de modo que deixava ver que a humanidade era de todas as virtudes a que ella de melhor vontade praticava.

Wilson disse :

— De certo devo louvar a pouca destreza daquelle brutal carreteiro que me valeu a ventura de ser vosso hospede, de ser obsequiado por vós. Mas que necessidade tenho eu de lembrar esta circumstancia?... Que me importa a mim saber precisamente como vim, huma vez que aqui me acho? Não hasta, não he tudo ter-vos interessado na minha sorte, ter merecido a vossa compaixão, ter recebido os vossos cuidados? Oh! comtanto que o que me aconteceu não seja a illusão de hum sonho ou o delirio da febre! Não sei aonde estou, a quem fallo.... Careço consultar-me, recolher-me para ver se tudo isto he sonho ou realidade.

— Não se inquiete Vossa Honra desse modo, respondeu docemente M<sup>me</sup> Garin. Primeiro que tudo he necessario restabelecer-vos. Ora dizei: achais-vos melhor?

— Muito melhor. Hum resto de dôr neste braço, eis-abi tudo.

— O accidente podia ter sido terrível; mas algum descanso

vos restabelecerá de todo. Já dei ordem que vos preparassem o quarto de meu marido....

— De vosso marido? interrompeu Wilson levantando-se.

— Sim, de Mr. Garin, que está ausente por hoje, e que penso que só voltará mui tarde. Dignar-vos-heis desculpar a extrema simplicidade do aposento, posto que huma pobre tendeira como eu não tenha necessidade de desculpas. Era-me impossivel prever que receberia hoje, Sr. Wilson, hum homem de distincção.

— Sois casada? mistress... madame... quero dizer....

— Sou casada... Mas porque estais em pé? sentai-vos, Mr. Wilson. Olhai, para passar o tempo (se não ha indiscrição da minha parte em fazer-vos esta pergunta) contai-me as causas da vossa presença neste bairro, que só he procurado pelos especuladores da bolsa, pelos traficantes dos bilhetes do estado, pelos trocadores das acções, insensatos todos agitados pela mania do seculo, todos partidistas do grande systema....

— Que quereis dizer?...

— Sim, do systema de Law.

A este nome o cstrangciro estremeceu. Seu rosto, pallido pela sangria, se corou com huma repentina vermellidão. Olhou fixamente para M<sup>me</sup> Garin, que pareceu não entender esta mutua interrogação.

— Escossez infame! exclamou por fim Wilson com huma voz surda. He pois verdade o que me disserão? Tornou se a França preza deste miseravel?....

— Hum homem comprehendedor, hum homem feliz, eis-aqui tudo o que elle me parece, objectou timidamente M<sup>me</sup> Garin.

— Dizei, Sra., hum insigne malandrino que o rei deveria mandar remar nas galés; hum velhaco cosmopolita que foi

expulso de Edimburgo e de Londres, e que o parlamento de Inglaterra infamou; hum astucioso jogador, que de todo o escriptorio faz mesa de jogo, e que larapêa ao jogo como hum lacaio, que propôz o seu systema de economia publica a todas as côrtes da Italia e da Allemanha, que todas rejeitárão; e que por fim, nestes ultimos tempos, não podendo arruinar a Sardenha, decidio-se a arruinar a França... E o regente acolhe hum semelhante homem! He bastante para deshonrar hum reino, hum paiz inteiro!

— Comtudo Mr. Law...

— Esse Law, senhora, he que eu procuro, he com elle que tenho a tratar; e se elle não responder ao meu appello....

— Tranquillisai-vos, Sr. Wilson.

— Ah! he porque não conheceis minhas razões contra elle. São razões de sangue!... Escutai: Ha vinte e cinco annos houve huma disputa entre dous ricos cavalheiros em huma baíuca de Londres. Hum (era a primeira vez que entrava nesses lugares infames) havia poucos annos que era casado com a filha de hum honrado negociante, pessoa completa, e cujas graças e extraordinaria belleza erão por toda a parte exaltadas. Nobre e confiado, tinha aberto desde o primeiro dia sua casa a todos os senhores elegantes e mulheres amaveis de Londres. Em breve teve que arrepender-se dessa facilidade. Hum desses brilhantes hospedes, hum dos que recbêra com mais amizade, a quem prodigalisára signaes da mais sincera afeição, hum desses meditou perder-lhe a honra seduzindo-lhe a mulher!... Sim! hum infame houve que não teve vergonha de manchar a soleira dessa casa hospitalcira, pregando-lhe hum cartaz de infamia! Foi burlado em suas criminosas tentativas, mas o infame jactou-se como se houvera conseguido alguma cousa.... Meu pai (o homem assim ultrajado era meu pai) desafiou o seu

inimigo e não pôde obter satisfação !... Nasci por este tempo, e meu nascimento servio de pretexto aos mais injuriosos boatos. Oh ! então meu pai não raciocinou mais, quiz huma vingança, quiz sangue ! Soube que o seu indigno adversario jogava todas as noites em hum desses infernos que fervem aqui e ali perdidos nas entranhas de Londres. Tomou logo o seu partido. Fez-se conduzir áquella dessas furnas que lhe fôra indicada. Ahi achou Judas com huma bolsa na mão ! achou-o transformado em banqueiro de baiúca. Surprehendeu-o larapêando á lasca e á banca.... porque taes jogos são hum verdadeiro roubo ; era huma caverna ! Meu pai denunciou altamente o ladrão e o segredo de sua opulencia ! atirou-lhe as cartas á cara ! era o insulto preciso, porque nessa mesma noite se batêrão ; mas meu pai... meu pai foi morto !... Ora faz isto vinte e cinco annos, e hum só dia se não passou sem que a imagem do sanguinolento combate tenha dcixado de se me apresentar cada manhã sem hum pensamento de vingança !... Porém minha mãe vivia ! minha mãe me conteve sempre....

Foi sómente aqui que M<sup>me</sup> Garin reparou em que o estrangeiro estava de luto.

— Porém minha mãe acaba de morrer, continuou elle ; estou livre, e posso por toda a parte procurar o homem que matou meu pai ! vou alcança-lo ! porque bem adivinhais já, senhora, que esse homem de quem fallo....

— He Mr. Law ?

— Sim, senhora, he elle.

---

## II.

M<sup>me</sup> Garin não tinha deixado de olhar com attenção para Wilson em quanto elle fallava, e todas as emoções que se tinham amontoado na narração que se acaba de ler tinham achado êcho em sua alma. Ouvindo-o tinha-se apaixonado, e com os olhos parados, corpo meio inclinado, pouco a pouco se tinha elevado até essa virtuosa colera e calorosa indignação. Quando elle acabou, ella ficou muda por hum instante: depois, pegando na mão de Wilson, disse:

— Confiança por confiança. Dissestes-me quem sois e que fim vos traz a Paris. Quero tambem dizer-vos quem sou, e porque vossas palavras despertarão em mim tão profunda sympathya.

— Sou ingleza, Mr. Wilson, nasci em Londres em 1699. Sou orphãa, e a pobre mulher que me recebeu ainda menina he hoje morta. Só me resta della a sua lembrança, que nunca me deixará. Sem nome, sem familia, criada pela caridade dessa santa mulher, foi-me preciso procurar cedo no trabalho os meios de subsistencia. Muitas vezes me faltou a coragem, cu antes a força. E demais, devo confessa-lo, tive sempre huma inclinação irresistivel para tudo o que se assemelha ao luxo, á elegancia, a esses brilhantes exteriores que fazem invejar á multidão a existencia do grande mundo. Muitas vezes contemplei de baixo, com dolorosa vergonha, esse spectaculo opulento, esse spectaculo de escolhidos que raiava por cima de minha cabeça. Quantas aspirações inquietas! quantos desesperados arrebatamentos! Occupada assim com sonhos e chimeras, não via o abysmo que minha imprevidencia me abria debaixo dos pés, abysmo

profundo que cada dia se approximava mais, e em que eu ia cahir ! Felizmente huma mão me sustentou, huma mão desconhecida que se estendeu sobre miuha cabeça e me abrigou. Era hum pai que achava em mim as feições da filha querida? poder-se-hia acredita-lo, á vista da ternura delicada que este salvador empregava em seus benefieios, da tocante graça e verdadeira affeição que empregava em sua protecção. Graças a elle, escapei á sedueção desse mundo que invejava, e de que só me ficarão na memoria alguns bem remotos reflexos e bem confusos; graças a elle, tive força para rejeitar os offerecimentos aviltantes que a opulencia tantas vczes faz á miseria, e que tambem me forão feitos a mim, pobre orphãa que vivia do meu trabalho. Esse protector mysterioso, esse salvador mil vezes abençoado, quiz assegurar meu destino easando-me. Mostrou-me hum pobre e honrado artista, e perguntou-me se o eu aceitava por marido. Seria ingrata se recusasse, senhor: respondi estendendo a mão ao homem que me era designada, e desde esse tempo me chamei M<sup>me</sup> Garin.

— Como! seria...

— Sim, o humilde cabelleireiro da rua de Quincampoix, em cuja casa estais, e que, ajudado pela generosidade do meu bemfeitor, pôde voltar á França, sua patria, e estabelecer aqui a base de huma pequena fortuna.

— E esse bemfeitor...

— Posso agora dizer-vos o seu nome, senhor... era Mr. Law.

Foi extrema a surpresa de Wilson a este nome, que para elle resumia hum passado todo de sangue. Fez repetir circumstanciadamente esta historia, que o reconhecimento de M<sup>me</sup> Garin se comprouve em repetir, ornando-a de todas as seducções de seu accento meio francez meio britannico, e

quando ella terminou esta nova narração, o joven estrangeiro pôde conhecer o singular contraste que tinha notado passando da loja ao camarim, contraste admiravel que resultava dos habitos e sympathias differentes dos dous esposos : hum, o artista inculto, grosseiro, contido nos cuidados vulgares da sua profissão ; o outro, a moça ingleza que aspirára a ser lady, a menina delicada cujos primeiros sonhos forão flores, perfumes, luxo e elegancia, bellos toilettes e bellas equipagens, cães de raça e cavallos de casta. E dizer que estas duas existencias tão disparatadas estavam cosidas huma á outra, que a borboleta multicolor agonisava no mesmo alfinete com huma barata, e que ambas devião gozar da mesma luz e do mesmo ar !... Este pensamento inclinou a cabeça pezarosa de Wilson, e fez brithar huma lagrima em suas palpebras. Todavia consolou-se, lembrando-se de que a borboleta tinha creado para si huma rosa ao lado desse esterqueiro, que ao lado dessa loja essa mulher tinha preparadô hum camarim.

Em quanto as cousas se passavão deste modo em casa de M<sup>me</sup> Garin, seu marido se entregava na cidade ao exercicio da sua profissão. Por então rapava e arranjava Mr. Law, seu bemfeitor, o homem a quem tinha votado todo o seu reconhecimento. O celebre financciro theorico se comprazia em fazer fallar Garin, que, em razão do duplicado officio que tinha abraçado c do bairro em que morava, estava mais favoravelmente collocado que qualquer outro para saber que boatos, que contradicções diversas, que concertos de furibundas maldições e de freneticos elogios excitava o systema em voga. Law considerava o seu barbeiro como hum barometro infallivel a que nunca deixava de perguntar cada manhã o estado da opinião, e devemos reconhecer que nunca a sua confiança foi illudida, tão precioso era Garin para conhe-

eer em hum momento dado, e com menos de hum centesimo de grão de differença, a temperatura do enthusiasmo publico. E por isso seus relatorios exercião no espirito do grande financeiro buma influencia real; inspiravão-lhe serios medos, ou a firmeza da segurança. Law nunca tentaria provocar buma medida financeira sem previamente apalpar o seu sagaz barbeiro, cujos alarmas prematuros o tinhão muitas vezes esclarecido sobre perigos de posição que não suspeitava.

Não estão ainda esquecidos os vehementes obstaculos que a principio se oppozerão á adopção dos planos do Escossez. Salutarcs desconfianças gelárão então os espiritos, e em 1708 o inspector geral das finanças, Dcsmaretz, tinha repellido as propostas do empirico nomade, que já então olhava como expedientes desastrosos. Só foi depois da morte do grande rei que Law pôde fazer admittir o seu plano de finanças. Elle se lembrava de todas essas luctas, de todas essas hesitações, e tambem da maneira pouco cortez com que Mr. d'Argenson, lugar-tenente gcral da policia, lhe tinha intimado a ordem de dcixar a capital em sua primeira viagem a Paris em 1706 ou 1707. e isto com o pretexto de que fazia banca com muita destrcza. Law, o nosso heroico aventureiro, sahido, á força de perseverança, de tantos embaraços, de tantas provas, sentia agora todo o preço da prosperidade de que gozava, graças á activa protecção do regente. Importava-lhe não comprometter esta posição tão difficilmente adquirida, e eis-ahi porque muitas vczes consultava o seu antigo obsequiado, o seu barbeiro ordinario, o Sr. Garin.

O Sr. Garin estava, dizemos nós, muito occupado em pentear o grande homem, e este o interrogava familiarmente sobre o estado do enthusiasmo da manbãa, e sobre o modo por que se fallava delle e do seu systema em todo o caes do bairro Quincampoix.



Depois de hum grande numero de interloquções muito insignificantes para serem referidas, o rosto de Law tomou huma expressão pensativa e pezarosa que não escapou ao attento barbeiro.

— Que tendes, Sr. barão? perguntou-lhe este empoando abundantemente a cabelleira do financeiro, dir-vos-hião contrariado. E comtudo, que homem em França, além do regente, póde ser-vos comparado em creóito, nobreza ou fortuna? Sois vós o creador do famoso banco geral, o chefe da companhia do Occidente, que com huma mão tocáis na China, com a outra no Senegal, o emprehendedor dos roteamentos da Luisianna, o homem universal a quem, apesar do parlamento, se concedeu a afinação dos metaes, as móedas, os tabacos, a quem se confiou a cobrança dos impostos, e nestes ultimos tempos o privilegio da antiga companhia das Indias, fundada por Colbert; sois vós, Sr. barão, que vejo diante de mim todo triste, todo pensativo? Ah! meu Deos! o mundo vai conforme desejais: as acções do vosso banco sobem!... São arrancadas aos possuidores, e a calçada da rua Quineampoix não basta para a multidão dos compradores.... He hum delirio, huma febre! Hontem foi levantado hum homem cujas costellas forão quebradas a cotovelladas. Para obter o vosso papel fazem-se abafar. Que quereis mais, Sr. barão? poderia dizer inspector geral, porque em breve o sereis, e seria já cousa feita se tivesseis consentido em abjurar, como todos os dias vo-lo aconselha o Sr. padre de Tencin.... Mas isso virá, não he assim? Entretanto pensai nas grandes riquezas que possuis, nas quatorze terras titulares de que já sois senhor, e não vos inquieteis de chimeras, revezes improvaveis, desgraças impossiveis....

— Tambem não he isso o que me inquieta mais, e vós

bem o sabeis. A minha fortuna está mui solidamente estabelecida para nada ter que recear de hum capricho do parlamento. Trata-se de outra cousa.... trata-se.... não adevinhãis?

— Talvez, Sr. barão; he aquelle duello, sempre aquelle duello...

— Sim, sempre.... Essa contenda com Wilson, que me fez estar preso, ser banido.... Mas que importão minhas desgraças? Encarreguei-vos de huma missão de confiança, Garin.... esquecesteis-vos della?

— Não, senhor, não. Ando á pista do mancebo, e ficai tranquillo: tê-lo-hemos logo que chegar.

— Conto com a vossa dextreza.

— E fazeis bem. Meus espiões o esperão e espião em quanto eu aqui estou. Não nos ha de escapar.

Law fez com a cabeça hum pequeno signal de approvação, e tornou á sua meditação. Garin continuou:

— De certo fazeis mal, Sr. barão, de vos accusar vivamente da morte desse Wilson. Que fizestes vós tão monstruoso? Sua mulher era formosa....

Hum olhar mui significativo interrompeu neste ponto a facundia apologetica de Garin. Este ficou mudo hum momento, hesitou, balbuciou algumas syllabas confusas, e não conseguiu sem difficuldade formular a phrase seguinte:

— Não approvo nem reprovo, senhor.... pelo contrario.... e depois cada qual vê as cousas a seu modo.... Eu, por exemplo, seria capaz.... sim, conheço-me bem.... Por fim se hum seductor quizesse deshonnar-me.... mata-lo-hia!

— Tu, Garin?

E a esta interrogação a physionomia do financeiro se abriu com hum raio de zombaria.

— Eu mesmo.... e porque não? respondeu o barbeiro en-

direitando-se com ar de ameaça. A mulher que me destes he minha ; e posto que pareça que nos não amemos....

— Que dizeis ?

— Digo, Sr., o que sabeis tão bem como os outros. M<sup>ma</sup> Garin tinha nascido para ser huma senhora, não gosta de mim nem do meu estado, e eu bem o vejo ; e isso he mui simples ! Eu sou hum pobre diabo cabelleireiro ; mas he precisamente por causa de tudo isso que eu a amo ! e se, como eu, ella tivesse nascido do povo, talvez que eu a amasse menos.... e vêdes-vós, sinto que a menor suspeita me faria morrer de ciúmes, e mataria o homem que me roubasse aquelle thesouro.

— Na verdade te baterias ! tu !

— Eu não disse que me bateria. Sei bem que nos duellos o seductor algumas vezes mata o marido.... não vos agonieis, Sr. barão, eu me desfaria do homem, eis-aquí tudo.

A cara do mestre Garin tinha tomado huma expressão sinistra. Calou-se depois destas palavras, e pôz-se a rapar silenciosamente o seu illustre freguez.

Quando a operação estava nos tres quartos, Garin se interrompeu dizendo :

— E he certo que este joven Wilson quer bater-se com-voseo ?

— Muito certo ; deixou Londres por Paris em minha busca. Mas hum duello delle para mim he impossivel.... oh ! sim, impossivel.

Depois de pequena pausa, continuou :

— Hum pouco-de Bastilha me responderá por este mancoço.... Tudo isto está previsto, não he assim ?

— Sim, senhor, tudo.... A ordem de prisão está obtida, o governador da Bastilha está advertido, e o recem-desembar-

cado será discretamente conduzido ao seu destino. Contai comigo.... A barba está prompta.

O financeiro levantou-se, olhou-se gamenhamente em hum espelho, e fez huma graciosa piroeta de marquez.

— Esta noite irei cêar com Astarté, disse elle arranjando hum annel da cabelleira. Jogar-se-ha hum jogo do inferno, e tambem devem-me apresentar o mariola que roubou em alguma parte hum grande diamante que quer vender ao rei de França. Se não fôr muito exigente, arranjar-nos-hemos.

Garin despedio-se humildemente do seu protector, e voltou para sua casa na rua Quincampoix.

### III.

Em quanto Garin passava por diante da porta da casa mysteriosa que descrevemos no principio desta historia, vio em pé, e collocado na muralha, hum homem que reconheceu logo, e que lhe fez com os olhos hum signal imperceptivel.

Este homem era adjunto de Garin, era seu collaborador.

— Novidade! disse elle a Garin quando este se chegou. O nosso Inglez chegou, e logo deu em hum embaraço de carretas, e á primeira pancada pu-lo fóra de estado de ir mais longe... Está apenas hum pouco picado.

— E onde está elle? perguntou o barbeiro com vivacidade.

— Ali.

— Em minha casa? Por que motivo em minha casa?

— Ali ou aqui, que importa? Apenas a rua no meio, e nada mais.

— Sim, mas hum mancebo...

— Tinha-o eu visto apear da sege de posta, e tinha-me agarrado a elle como huma sombra.... Porém, M<sup>me</sup> Garin m'o roubou. Tu m'o restituirás, não he assim?

O cabelleireiro já não ouvia. Volvia rapidos olhos para a sua loja, e parecia muito disposto a deixar o seu associado. Este o reteve fortemente pela manga.

— Lembras-te, Garin, das nossas convenções?

— Lembro-me, socega.

— He-me preciso o meu direito de commissão.

— Té-lo-has.

— Quero metade no negocio.

— Embora.

— Como he costume.

— Podes contar com isso, repartiremos como irmãos.

— Como bons visinhos.

Esta palavra visinho parecia tomar na boca deste homem huma significação extraordinaria. Garin o comprehendeu, porque seus beiços ficárão brancos, e seus dentes estalárão como se gelassem de frio.

— Não ha necessidade de dinheiro para ir para a Bastilha, continuou o compadre rindo-se. Não se lhe fará mal livrando-o d'elle. Ainda esta barba, e rapa-nos isso com toda a limpeza... Eu pegarei na bacia.

— Eu te deixo, larga-me.

— Está dito ; sem adeos, visinho.

O homem entre-abriu a porta ferrada a que se encostava, a qual se fechou discretamente atraz d'elle.

Garin, agitado por mil pensamentos diversos, dirigio-se a grandes passos para a sua loja.

Wilson e M<sup>me</sup> Garin dizião então pela vigesima vez as circumstancias que precedêrão ou acompanhárão suas partidas de Londres, e no pacifico balanço desta conversação toda de lembranças e projectos, nessa troca improvisada de confidencias, esquecião completamente a fuga das horas.

— Que demora pretendeis ter em França? perguntou a bella cabelleireira ao estrangeiro.

— Mas, respondeu este hesitando, he essa huma pergunta que agora me embaraça muito. Ainda esta manbãa eu tinha hum projecto, o de ficar o menor tempo possível. Só vinha a Paris, como vos disse, para procurar hum homem que aborreço ; receio bem ter ençotrado huma mulher.....

— Suspendei, Mr. Wilson. Sem devida minhas supplicas não terão o poder de retardar o complemento da santa vin-

gança que perseguis. Mas se as instancias e pedidos de huma mulher podessem dobrar as vossas resoluções, se não tivesseis condemnado sem replica o homem que mereceu o vosso odio, oh! então vos lembraríeis de que Mr. Law tem direito a todo o meu reconhecimento, que seus beneficios deixarão em minha alma huma memoria indelevel; e que por fim sem elle, á hora em que vos fallo, gemeria na miseria e no abandono.

— Cazou-vos, não he isso? e he o que me objectais? He por isso que defendeis esse homem? Meio singular de me fazer esquecer... Não, senhora, minha vingança he legitima e inexoravel, he daquellas que nada dobra, a que nada obsta. Chego a Paris bem determinado a obter satisfação do assassinato de meu pai, e juro-vos que levarei o meu projecto até o fim. Só huma mulher no mundo, e era minha mãe, pôde fazer-me demorar por tanto tempo a execução deste grande projecto... porque, se eu a tivesse deixado, sua vida perigava. Minha mãe estava moribunda, e minha partida a teria morto. Por isso prometti que em quanto ella vivesse não deixaria Londres. Mas, por ser tão tardia minha vingança, será mais segura. E acreditai-o, senhora, a resolução que tomei deve estar bem enraizada no fundo do meu coração, quando não cede á autoridade de vossas supplicas. De certo he hum impossivel perdoar a esse homem! he impossivel!

M<sup>me</sup> Garin não procurou mais combater a determinação do seu joven hospede. Havia demais tanta justiça nas razões de Wilson, sua vinda a Paris tinha motivos tão louvaveis, tão nobres, fallava com tanta vehemencia e sincera convicção, que o reconhecimento que luctava ainda no coração de M<sup>me</sup> Garin a favor de Law cedeu pouco a pouco a hum sentimento mais imperioso, e acabou por se calar de todo. Esta persuasão foi obra do enthusiasmo; e huma vez persuadida, M<sup>me</sup> Garin não reflectio mais nos riscos que huma tão viva

sympathia podia fazer correr á sua virtude. Deixou-se ir confiada por essa ladeira perigosa da conversação íntima; escutou as palavras de Wilson, que a entretinha de Inglaterra e Londres, e da aristocracia ingleza; e do luxo do grande mundo; de todo esse luxo, de toda essa elegancia que ella sonhára em outro tempo; remontou com o pensamento a esses frescos annos da infancia que a virão brincar, risonha e descuidosa, debaixo das ricas sombras de Kensington; ella se alegrava á lembrança de todas essas illusões, de todas essas magicas encantadoras que obtiverão seus primeiros suspiros, que encantarão seus primeiros olhares. E a presença desse joven Inglez, que tão eloquentemente lhe fallava de todas essas cousas, completava a illusão, de modo que lhe não deixava lugar para a realidade.

Paris desapparecia a essas poeticas evocações do passado; Paris estava bem longe com a sua rua Quincampoix coberta de especuladores, com seus bancos de tratantes, seus recebedores insolentes e sua lama fetida, seus financeiros e cabelleiros... seus cabelleiros, ah! perdoem-nos que o digamos, mas sobretudo a lembrança de Mr. Garin estava nesse momento bem longe de occupar sua legitima e casta esposa. Esta não se lembrava mesmo de que fosse casada; e talvez ficasse bem espantada se se lhe dissesse que esse camarim, onde sonhava tão bem, era limitrophe a huma tenda. A imaginação de M<sup>me</sup> Garin tinha-se totalmente despedido das cõsas da vida real: em seu vôo tinha passado o tempo e o espaço; em hum abrir e fechar d'olhos tinha saltado de Paris a Calais, e atravessado o Estreito. Dahi a vagabunda tinha continuado sua carreira, e Londres não tardou a mostrar-lhe suas pompas e esplendores. Que querieis que fizesse o nosso cabelleiro no meio desse conto de fadas, no meio desse sonho das *Mil e huma noites*?



A porta da loja que se abriu repentinamente lembrou a M<sup>me</sup> Garin que seu esposo era ainda deste mundo.

— Chego mais cedo do que esperava, disse elle apparecendo; o trabalho hoje acabou-se depressa. Bons dias, Annah. Fizeste bem em fazer companhia a este senhor, que sem duvida carece do meu ministerio. Fallai, senhor, estou ás vossas ordens. Dignai-vos passar a este outro aposento, e...

— Não he isso, interrompeu docemente M<sup>me</sup> Garin, que se tinha tranquillizado vendo as disposições pacificas de seu marido. Este senhor foi ferido a algumas passos daqui por huma carreta, está ainda tão fraco...

— He preciso sangra-lo, e eu me encarrego disso, que tambem faz parte do meu ministerio.

— Perdoai-me! objectou o joven Inglez; mas hum dos vossos collegas me sangrou ha pouco, e ser-me-hia impossivel ser sangrado de novo.

— Porque me esperaveis então?

— Porque, respondeu Annah vindo em soccorro de Wil-son, está ainda tão fraco...

— Sim, disse o cabelleireiro dissimulando com grande custo os movimentos do seu ciúme, tão fraco que lhe tinheis feito hum leito com todas as vossas almofadas. Não sabia que tinheis tanta vocação para o officio de enfermeira! Tendes zoração humano, e vos dou os parabens, Annah; mas o meu estabelecimento não he nenhum hospital ambulante ou permanente; e dar-me-heis o prazer, senhor, de fazer-vos transportar á vossa casa o mais depressa possivel.

— Esta senhora tinha tido a bondade de me offerecer huma hospitalidade que eu aceitei porque nem conheço aqui alguém, nem moro em parte alguma. Minhas malas ficarão na posta. Se porém a presença de hum viajante vos causa tanto embaraço, dignai-vos indicar-me a mais proxima hospedaria,

Passava-se na alma de Garin, em quanto o joven estrangeiro assim fallava, huma lucta confusa de sentimentos os mais oppostos. Primeiro desejava que esse estrangeiro sabisse de sua casa no mesmo instante: era o instincto da conservação da sua honra que o aconselhava a eliminar esse hospede incommodo, esse perigoso doente que surprehendêra languidamente inclinado sobre o hombro de Annah, e abusando de sua polidez para obter a mais doce e completa das hospitalidades. Depois tinha reflectido que esse estrangeiro não era desconhecido, chamava-se Wilson, e que elle Garin se tinha offerecido a entregar esse Wilson á policia de Mr. Law, e que tinha chegado o momento de executar a missão de que se encarregára.

Depois, huma voz generosa se elevava nelle, e lhe aconselhava que se fizesse libertador de Wilson. Mas esse appello suffocado pelos surdos rugidos do ciume que já atormentava o coração do pobre Garin, esse appello da consciencia foi apenas fracamente ouvido. O nosso cabelleiro se admirou da sua grandeza d'alma, e resolveu não se embaraçar com escrnpulos de criança. Todavia pensou que muita precipitação podia estragar tudo, e desde então o seu plano foi traçado. Fingio tornar-se a idéas de paz, e estendendo a mão ao joven estrangeiro, disse-lhe :

— Não tinha razão, senhor, desculpai minha grosseria e meu máo humor. Tenho cousas na cabeça que me absorvem, que me penalisão, e que algumas vezes fazem de mim hum homem insociavel. Annah, fizeste bem em fazer trazer o senhor para nossa casa: sê humana e boa para dous... Senhor, vós soffreis muito, estais ainda muito fraco, como dizia Annah, para sahir já daqui. He preciso absolutamente que descanseis. De boa vontade vos cedo o meu quarto. Tenho trabalho que exige pressa; muitos freguezes me esperão, e passarei esta noite na loja...

Wilson fez hum gesto para recusar.

— Oh! aceitareis, continuou Garin. Não vos deixô sahir; sou responsavel por vós. Annah, vai fazer preparar o quarto. Quantos perdões tenho que pedir-vos, senhor, pelo máo recebimento de ha pouco! Eu sou apenas hum-homem do povo, hum jornaleiro; não tive educação; mas passada a borrasca, não ha mais perigo. No todo sou hum bom diabo. Não vos digo adeos. Vem, Annah.

E ambos subirão ao quarto de Garin, que por então devia ser o de Wilson. Antes de seguir seu marido, Annah lançou ao nosso gentleman e recebeu delle hum rapido olhar de intelligencia.

Os preparativos não levárão muito tempo: M<sup>m</sup> Garin, auxiliada por seu marido e por huma criada velha que morava na mesma casa nas aguas-furtadas, apropriou bem depressa o quarto escuro e sombrio a seu novo destino. As bambinelas e cortinas se transformárão como por encanto. M<sup>m</sup> Garin empregou em arranjar este aposento alguma dessa industriosa galanteria que tinha presidido ao arranjo do seu camarim. Garin notou mudança e ficou mortificado.

Em todo esse dia teve sua mulher á vista. A principio ella não se assustou dessa singular assiduidade; mas pouco a pouco, para o fim do dia, concebeu alguns sustos. Não teria sido siucera a reconciliação de seu marido com o joven estrangeiro? Que pensar dessa subita amenidade que de repente substituiria a sua colera? Que pensar agora dessa desconfiança que a isolava de Wilson, ella cuja compaixão em poucos momentos se tinha tornado tão terna, e tão depressa se tinha transformado em amor? Talvez hum começo de remorsos despertou em Annah este começo de susto. Mas foi bastante senhora de suas emoções para nada deixar ver a Garin, que até á noite, testemunha assidua, não lhe per-

mittio dirigir huma palavra, hum olhar ao convalescente.

Para intelligencia do que se segue, importa dizer ao leitor que o quarto de Garin se abria para hum corredor bastante estreito que continha ao todo tres portas: huma que dava entrada ao quarto de Annah, outra que dava para huma escada que conduzia á loja, a terceira emfim, a que já conheceis, e cuja soleira era tacitamente prohibida á cabelleireira pelo suspeito ciuime do marido. O quarto de Annah e o de Garin terminavão as duas extremidades do corredor, symbolo da separação que havia entre os dous esposos. No meio, e como para melhór fazer ver a separação, estava a porta da escada de que acabamos de fallar.

Havia além disto no quarto de Annah outra porta que dava para outra escadinha que conduzia ao camarim. Ninguem so servia dessa passagem, exclusivamente reservada a M<sup>me</sup> Garin, que por este meio se isolava em seu quarto semanas inteiras.

Quanto á criada, morava no quinto andar, debaixo das aguas-furtadas. Nenhuma campainha correspondia do aposento dos amos ao pálheiro da criada. Garin o tinha assim querido sempre, e M<sup>me</sup> Garin, depois de mil rogos perdidos, tinha-se forçadamente resignado a só ser servida de dia.

Quando, com auxilio da velha Nanette, Garin mettu Wilson na cama, este deixou cabir sua bolsa cheia de ouro. Nanette a apañou e lha restituiu. Wilson pedio então sua carteira, que igualmente se lhe deu, e que elle mettu debaixo do travesseiro.

Os olhos de Garin se acendêrão á vista da carteira e da bolsa. Despedio Nanette, e ficou com o estrangeiro até á noite.

A noite, Wilson, enfraquecido pela sangria, pareceu adormecer. Garin se levantou com cuidado e fechou a porta do quarto, cuja chave mettu na algibeira. Desceu para a loja, e pôz-se a trabalhar,

M<sup>me</sup> Garin não se atreveu a interrogar seu marido sobre o estado do doente. Contentou-se com dar-lhe timidas boas noites antes de deitar-se.

— Boas noites, Annab, respondeu Garin distrahidamente sem olhar para ella. Dorme socegradamente, minha filha. Eu trabalharei toda a noite... Mas que fazes tu ahí?... Não te deis eu as boas noites? Ora vai, e... dorme bem.

M<sup>me</sup> Garin se retirou lentamente.

---

#### IV.

Logo que sua mulher sabio, Garin se levantou com precaução, e foi pôr o ouvido á fechadura para bem se convencer de que ella com effeito subia para o seu quarto. Ficou ali immovel, attento á bulha dos passos, que em breve se fizerão ouvir por cima de sua cabeça no corredor. Depois huma porta se abriu e fechou. Garin escutou ainda alguns minutos... nada mais. A casa estava mergulhada no silencio e obscuridade.

O artista respirou então. Estava só por fim, só com a sua consciencia, e eis-aqui o que dizia consigo mesmo :

• Certamente ella ama Wilson. E quanto tempo foi preciso para isso? Tão pouco! menos de hum dia! E estou eu bem certo de que ella o ama? Porque emfim este mancebo foi realmente ferido, trouxerão-no para aqui moribundo. Ella o recebeu e tratou delle. Eis-aqui tudo: são cousas que podem acontecer todos os dias.... Oh! eu me felicito de lhe ter achado esta desculpa; mas elles estavam sós quando cheguei, e vão-se de tão perto!.... Minha vista os reprimio e desconcertou. Hum rapaz tão moço e bello, com maneiras tão distinctas e nobres, a par de mim, pobre diabo, tão feio e tão grosseiro. Ha motivos para reccar. Porém, meu Deos! porque reccaria eu? Qual he o mais forte dos dous? Não o tenho eu á mão? não me pertence elle? não posso fazer delle o que me agradar? hum cadaver, se eu quizer!.... Não.... (depois de hum silencio) não; minha missão não vai tão longe. Só me he permitido fazer delle hum preso: eis-ahi tudo. Posso mettê-lo na Bastilha e não em outra parte! Pois bem! vá para a Bastilha! lá não o temerei mais. •

A estas últimas palavras ditas com resolução, Garin levantou-se e foi de novo pôr o ouvido na fechadura; depois voltou-se, e foi ao escriptorio, que, como por encanto, deu huma volta e descobrio huma abertura no soalho. Quasi logo huma voz se fez ouvir.

— He bem feliz que me alumies; estava já enfastiado lá em baixo.

— Sobe, Maugrais: estás só?

— Ai! a escada! ..., dá-me a mão. Sim, eu só: não bastão dous cozinheiros para huma fritada?

— Póde ser. Mas desta vez não se trata de quebrar o ovo. He huma gallinha inteira.

— Que se póde depennar?

— Todavia sem a fazer gritar.

— Esta mordança o impedirá. Aonde iremos?

— Daqui a pouco... hum instante... he preciso que me certifique... Volta hum pouco para dentro....

— Para que?

— Não será por muito tempo.

— Silencio!

— Que he?

— Julguei ouvir... era deste lado....

E Maugrais designava a porta do camarim.

— Que! respondeu Garin levantando os hombros, ha muito que minha mulher está deitada. Demais, póde-se ver.

Foi abrir a porta do camarim: não estava lá ninguém.

— Estais agora tranquillo?

— Estou, respondeu Maugrais; mas dize, o papo he rico? a moela está bem guarnecida? por outra: a carteira está bem recheada e a bolsa bem redonda?

— Que te importa, pois que o não podemos roubar.

— Não podemos rouba lo? quem disse isso?

— Eu, que respondo pelo mancebo, e que não quero que amanhã possa dizer que eu o roubei.

— Pois para que o não possa dizer amanhã, despache-se esta noite.

— Oh!...

— Estais bem escrupuloso, meu Garinzinho: donde diabo te vierão estas repentinas delicadezas?... Se ainda estivesse a sahir-te a barba! mas, graças a Deos, não he de hoje que rapamos os freguezes, e que este escriptorio anda á roda... Engenhosa maehina!... Tu devias ser mais animoso.

— Digo-te que as instrucções de Mr. Law são formaes, e que elle sómente quer fazer prender este mancebo...

— Bom! bom! a elle!

— Conduzi-lo-bemos ao governador da Bastilha, apresentaremos esta ordem, e tudo será dito.

— Isso não me parece muito bom. Comtudo vai sempre. Queres que suba contigo para te ajudar?

— Não, espera-me aqui.

— Deos te conduza!

E Garin subio silenciosamente a escadiuia.

M<sup>me</sup> Garin não se tinha deitado. Perturbada por terrores inquietos, poucos instantes tinha ficado em seu quarto. Descendo ao camarim, tinha posto o ouvido na fechadura; e abi, retendo a respiração, tinha entrado na confidencia do trama que ameaçava a liberdade, talvez os dias de Wilson.

Logo que ouviu as primeiras palavras da conversação de seu marido com Maugrais, julgou que não tinha hum minuto a perder para ir prevenir o estrangeiro do perigo imminente que o ameaçava. Voltou portanto ao seu quarto, e aventurou seus passos no estreito corredor, que lhe foi necessario correr em todo o seu comprimento. Chegada á porta de Wilson, experimentou huma especie de hesitação causada pela sin-



gularidade da hora e de seu proceder ; comprimia com duas mãos as pancadas violentas do seu coração ; pensava com angustia como se desenredaria esta terrível aventura. Reflectindo depois que cada segundo era precioso ; que ali atraz daquella porta dormia talvez Wilson , em quanto em baixo havia assassinos acordados , venceu os seus sustos , chegou a boca á fechadura, e chamou com voz suffocada :

— Sr. Wilson !... Sr. Wilson !...

Porém nenhuma voz lhe respondeu. O quarto do doente ficou mudo no meio dessas espessas trevas que enchião o corredor. Annah, desesperada, renovou muitas vezes o seu chamado, mas debalde.

De repente lembrou-se que tinha huma segunda chave desse quarto. Ir busca-la e voltar foi negocio de hum momento. Metteu com precaução a chave na fechadura e abriu lentamente a porta, que rangeu volvendo.

— Quem está ahí ? perguntou Wilson acordado de sobresalto.

— Levantai-vos , Sr. Wilson , respondeu Annah em voz baixa e soffreada pelo medo... Sou eu... he Annah... Levantai-vos. Tendes armas ?

— Armas ? para que ? não estou eu seguro em vossa casa ?

— Meu Deos ! não tendes armas ! e elles vão subir , e vos acharão sem defesa.

— Quem ? de quem fallais ?

Neste momento huma mão de ferro agarrou no braço de Annah. Huma respiração ardente lhe passou pelo rosto. Ella reconheceu a presença de Garin, só teve força para dar hum grito, e cabio sem sentidos.

— Sobe, sobe, Maugrais ! gritou Garin furioso. Entregote este homem ! faze delle o que quizeres.

Transportarão Wilson garrotado e amordaçado até á loja :

ahi repartirão o ouro e o conteúdo na carteira, que tirádo de debaixo do traveseiro. Depois Maugrais carregou o Inglez sobre seus hombros, e desceu a escada a pique de que fallámos. Quando chegou ao ultimo degráo, Garin lhe gritou ainda: — Faze delle o que quizeres.

Huma risada surda foi a unica resposta de Maugrais, que desapareceu nas trevas levando vivo o seu fardo.

O escriptorio voltou segunda vez sobre si mesmo, e a loja do cabelleireiro ficou tranquilla como dantes.

No dia seguinte, quando Annah, conseguindo escapar-se, foi denunciar a Mr. Law o segredo do desaparecimento de Wilson, o financeiro de modo nenhum pareceu commovido da noticia, que fazia impallidecer o rosto e tremer a voz della.

— Sei, respondeu elle com a maior fleuma, sei onde está. Este negocio he daquelles em que huma mulher não póde intervir. Vai, minha gentil Annah, vai, e ama bem teu marido. He hum bom e honrado homem esse mestre Garin, e merece toda a tua afeição.

— *Irei cear esta noite á casa de Astarté*, disse Mr. Law, frizando hum anel da sua cabelleira depois que a agil mão de mestre Garin tinha desempenhado o seu officio. O financeiro cumprio a sua palavra; foi nessa noite cear á casa de Astarté, ou antes á casa da condessa Sulpicia de Valtravers, cujo palacio mostrava sua vasta frente em huma rua parallela á de Quincampoiz. De que vivia essa mulher? que mysteriosa munificencia, que prodigalidade anonyina pagava o luxo dessa casa constantemente aberta aos prazeres? A opinião commum era que a condessa Sulpicia arruinava algum grande senhor, e que a sua renda provinha das suas rapinas galantes. Apesar desta reputação, ou talvez mesino por causa della, a condessa era bem vinda, adulada e festejada por

todos. Seu palácio estava sempre cheio de pessoas titulares ou não, que ali vinhão jogar, conversar em modas, cães, cavallos, dançarinas e versos. Era huma reunião de petimetres, de vellos immoraes desse tempo, huma especie de assembléa permanente, onde se apresentavão todas as ninharias do dia, onde se contavão com gargalhadas todas as historietas das vieellas, todas as aneddotas escandalosas. Essas jovialidades, essas maledicencias, ão infallivelmente dar em huma partida de lasca ou banca, e he ahí que se sentava em toda a sua glória, que triumphava o nosso sublime financeiro. Law, em vespéras de ser nomeado inspector-geral de fazenda, lembrava-se ainda de suas vantagens nas mesas de Londres, e nesse momento de abandono voltava com prazer ao papel fatidico de banqueiro e á rede inexoravel.

Raras vezes acontecia a huma mulher do tom arriscar-se nos salões da condessa Sulpicia; todavia a seductora Astarté sabia achar encantos para attrahir as mais feras e desdenhosas. Sómente as recebia á certas horas, de manhã, em quanto a noite era exclusivamente reservada para os tratantes, marquezes e espirituosos.

Entre as raras visitadoras da manhã, a que a nossa deosa concedia graciosamente o titulo de *amigas*, importá citar em primeira linha a bella presidente de Prieux, cujo marido era affamado como o galante mais sovina e o seductor mais sordido de Paris. A fastuosa parcimonia de Mr. de Prieux era superior á avareza pronunciada de Harpagon. Era huma vilania orgulhosa que apparecia tanto mais quanto mais tratava de esconder-se. A mulher desse nobre sovina era a sua victima privilegiada; e he o que explica a extrema facilidade da nossa presidente em acolher, sem lhes dar muita attenção, os ternos carinhos da condessa Sulpicia. No fundo

desta condescendencia havia huma especulação : a presidente não tinha dinheiro e queria pedi-lo á nossa deosa.

Por infelicidade Sulpicia estava acautelada , e quando a presidente se dccidio emfim a fallar desse emprestimo , cujo projecto havia muito que nutria , eis-aqui como se lhe respondeu :

— Oh ! meu Deos ! minha querida presidente , que me pedis vós ? Sabeis que eu tambem contava comvosco para humas trezentas a quatrocentas pistolas ?... De certo , tenho-me visto obrigada a obsequiar tantos nobres necessitados...

A presidente , fulminada por estas palavras , olhou em roda de si com admiração.

— Sim , continuou Sulpicia a quem este movimento não escapou. Vedes este luxo , esta opulencia que nos cerca , e perguntais se realmente a mulher que possui tudo isto não he bastante rica para fazer empallidecer as festas do regente ? Pois bem : não , minha querida Hortensia , he huma dessas apparencias enganadoras com que se illudem os melhores olhos , e a mulher que vos falla he muito menos do que parece.... Demais , não sou eu só , nem vós tambem ; muitas outras , que brilhão muito e que são invejadas por huma fortuna toda externa , por hum fasto de apparatus ; muitas outras , minha querida , tem momentos de negra inquietação , máos dias de que não fallão a ninguem , só a mim , que até hoje tenho sido a sua providencia. Muitas outras vierão , como vós agora , para me pedir , a titulo de amigas , dinheiro e conselhos.... Dinheiro , tive-o por muito tempo ; conselhos , tenho-os ainda , e estão á vossa disposição.

A presidente morden os beiços.

— A menos , disse Sulpicia....

E não acabou.

— Que ides dizer ? lhe perguntou anciosa M<sup>me</sup> de Prieux.

— Nada; nadá, respondeu Sulpicia com ar distrãhido.... Ha expedientes que talvez vos desagradarião...

— Nenhum, exclamou a presidente; fallai, minha que-rida, fallai!

— Pois bem.... eu conheço hum certo Maugrais, homem muito rico, usurario, outr'ora meu mordomo, que poderia emprestar-vos a somma de que careceis.

— Onde está esse Maugrais? Fazei-mo ver.

— Tenho-lhe dirigido algumas das minhas amigas, que o tem achado accommodado e razoavel.... devo porém advertir-vos que só empresta sobre bons penhores....

— Não embarace isso.... tenho boas joias.... olhai.

— Bem, disse Sulpicia; vejo que vos acautelastes; foi prudente. Escutai agora. Este Maugrais que quereis ver mora aqui perto, na rua Quincampoix: sua casa está pegada ao meu palacio, de que foi em outro tempo dependencia, de modo que por huma passagem conhecida só por mim, e que aproveito em casos semelhantes, podereis fallar com elle sem ser vista.

— Oh! preciosa amiga! quanto vos não deverei! ?....

— Nada, he a elle, he a Maugrais que devereis.... Eis aqui a porta que conduz á passagem de que vos fallei.

Sulpicia foi abrir no canto do apozento huma porta secreta, e fez signal á presidente que a seguisse. Ambas desaparecerão no escuro corredor.

---

De noite, á partida, Astarté estava brilhante: os diamantes da presidente de Prioux brilhavão em seus cabellos e pescoço. Recebeu os cumprimentos de todos e respondeu pelo mais gracioso sorriso. Sobretudo Mr. Law, o futuro inspector geral, estava encantado.

Foi nessa noite que a seductora condessa apresentou a Law certo aventureiro de que fallámos em hum dos capitulos precedentes, e que tinha para vender hum diamante de prodigiosa grandeza, avaliado em mais de dous milhões. O financeiro fez longamente conversar o Armenio, que lhe contou até as menores particularidades de suas viagens.

Este homem havia sido empregado nas minas de Couhour, e tinha conseguido occultar o diamante que trazia hoje de reino em reino com grande admiração das testas coroadas. Muitos principes recuárão ao preço dessa pedra maravilhosa, que o mesmo rei de Inglaterra tinha admirado muito sem se poder resolver a comprar. Nada mais era preciso para despetar a vaidade ambiciosa de Law, que desde logo resolveu ligar o diamante do Armenio á corôa do rei de França.

— Mas he de certo hum diamante de dous milhões? perguntou elle admirado ao mercador.

— De certo, senhor, respondeu este com enthusiasmo; e podeis mandar chamar o lapidario de S. A. o regente. Se achar hum defeito na minha pedra, dou-a de graça.

— Ficarias bem apanhado se eu te pegasse na palavra e fizesse vir o joalheiro da côrte.

— Bem longe de o temer. reclamo-o já, disse o Armenio com vivacidade.

— Eis-aqui hum malandrino bem certo do que diz, que vos parece, senhores? disse o financeiro voltando-se para a companhia. Tenho vontade de lhe pregar a mentira na garganta fazendo vir o mais proximo lapidario

— Pensais nisso? a esta hora da noite? Mas todas as lojas estão fechadas, objectou Sulpicia rindo-se. Façamos melhor. Eu tenho mesmo nesta casa hum homem muito entendido em pedras preciosas, e que poderá determinar-vos sobre o valor desta. Quereis que o mande chamar?

— Já, minha divina, já.

Sulpicia chamou hum criada.

— Seraphina, lhe disse ella muito baixo, depressa e á parte, dize a Maugrais que suba, careço d'elle.

— Porém, senhora, creio que agora estará occupado, e...

— Não importa, que deixe tudo, trata-se de hum diamante de dous milhões.

Seraphina ia sahir, quando se lembrou que o criado de Mr. Law lhe tinha naquelle momento entregado hum carta para seu amo com muita pressa.

— Dá cá, eu me encarrego della.... Sr. barão, aqui está para vós.

E Sulpicia apresentou graciosamente a carta.

Law tirou o sobrescripto e estremeceu. Era hum recado do governador da Bastilha, que lhe annunciava que Wilson ainda não havia apparecido.

A esta noticia, que combinou com o que lhe dissera Garin, Law não pôde conter a sua inquietação. Não deu mais que ouvidos desattentos ás conversações que se cruzavão em roda d'elle. Mil pungentes emoções o agitavão ao mesmo tempo; não pensava mais nem no diamante, nem nesse homem que Sulpicia mandára chamar, e que não vinha. Em hum minuto o senhor brilhante, o financeiro opulento, ha pouco

tão espirituoso, tão alegre, tão faceto, tinha ficado o homem mais sombrio, mais grave e mais preocupado de França.

— Onde está Wilson? que fizeram delle?... Onde correrei? Onde o acharei?... Não está na Bastilha... onde estará?

Taes erão as perguntas que a si mesmo fazia passeando o salão em todos os sentidos. Por fim, não podendo mais resistir, ia despedir-se da condessa e correr á casa de Garin, quando huma grande bulha se fez ouvir no corredor secreto de que fallámos. Todos os olhos se voltárão ao mesmo tempo para essa porta, que se abriu com estrondo e deu passagem a hum homem coberto de sangue, ferido e perseguido.

Era Wilson!

— Meu filho! exclamou Law recebendo-o desmaiado em seus braços.

Quasi ao mesmo tempo appareceu Maugrais, mas pallido, assustado, sem respiração.

— Tudo está perdido, disse elle chegando-se para Sulpicia. A justiça enche a casa pelo lado da rua Quincampoix. Ha só esta sahida para salvar-nos, se ainda fôr tempo.

— Agarraí neste homem, interrompeu Sulpicia sem pestanejar mostrando Maugrais....

— Oh! replicou o ladrão admirado.... he assim que tu fazes, senhora?... Senhores, disse então levantando a voz e dirigindo-se aos cavalleiros que o cercavão, se sou criminoso, esta mulher o he tambem. Ella não se chama Su'picia nem Valtravers, mas Chevenotte, por outra, a Coruja, e he usuraria emprestando sobre penhores; sou eu quem vo-lo digo, eu seu agente, seu mordomo, seu compadre.... seu complice, se assim achais melhor. E para prova do que digo, olhai, vêdes estes cristaes.... Ha quinze dias que ornavão o salão da marquezia de Millin. Este traste de damasco pertence á duqueza de Trois-Mares, e por elle lhe emprestámos 200



Iuizes. Este rico tapete he de M<sup>me</sup> de Tongres, que o empenhou por cem pistolas; esta pendula he de M<sup>lle</sup> Guinard, dançarina da opera, e até os diamantes que traz a Sra. Astarté.... estes diamantes são da presidente de Prieux, que veio empenha-los hoje.... Ainda não he tudo....

Neste momento Wilson, que acabava de tornar a si, percebeu Maugrais.

— Eis-aqui o meu assassino! exclamou elle.

— Sim, respondeu Maugrais no meio do espanto geral, assassino por conta da Coruja, que, como já disse, faz todos os officios. Esta casa, senhores, tem duas sahidas e duas entradas; huma he o palacio da condessa Sulpicia, a rainha de vossas festas; a outra he a cafurna de Maugrais, vosso criado, o mocho da Coruja. Negai isto, condessa! He como a vossa criada, que aqui se chama Seraphina, e que do lado da rua Quincampoix he justamente M<sup>me</sup> Matheus.

Os soldados da policia, sahindo pela porta do corredor secreto, embaraçárão Maugrais de dizer mais. A bella Astarté foi levada desmaiada.

Law fez procurar Garin, que foi achado enforcado na sua loja. Algumas palavras de sua mão traçadas a lapis fizeram saber á policia que o desaparecimento subito de sua mulher, e a certeza de ter perdido o seu amor, erão as duas causas que o tinham levado ao suicidio.

As pesquisas feitas em casa de Garin revelárão a existencia de huma viella subterranea que servia de communicação entre a loja do barbeiro e a caverna de Maugrais.

Adevinha-se que foi M<sup>me</sup> Garin que, assustada pelo desaparecimento de Wilson, tinha ido avisar o lugar-tenente geral da policia, depois de ter interessado debalde o seu protector Mr. Law na sorte do joven Inglez.

Law era realmente o pai de Wilson, mas quiz antes privar-se para sempre dos carinhos de seu filho que revelar-lhe hum segredo injurioso á sua mãe.

Wilson, são de sua ferida, renunciou a sua vingança por instancias de Aunah, que, só no mundo, pobre, abandonada, tinha necessidades de soccorros e apoio. Law, levantando-se huma manhã, soube, não sem prazer, que ambos tinham partido para Inglaterra.

Algun tempo depois outra noticia veio alegrar suas entranhas paternas; Wilson e Annali estavam casados.

— Casados!... meu filho e minha sobrinha! disse elle com ternura. Bem, bem.

E voltou a seus calculos.

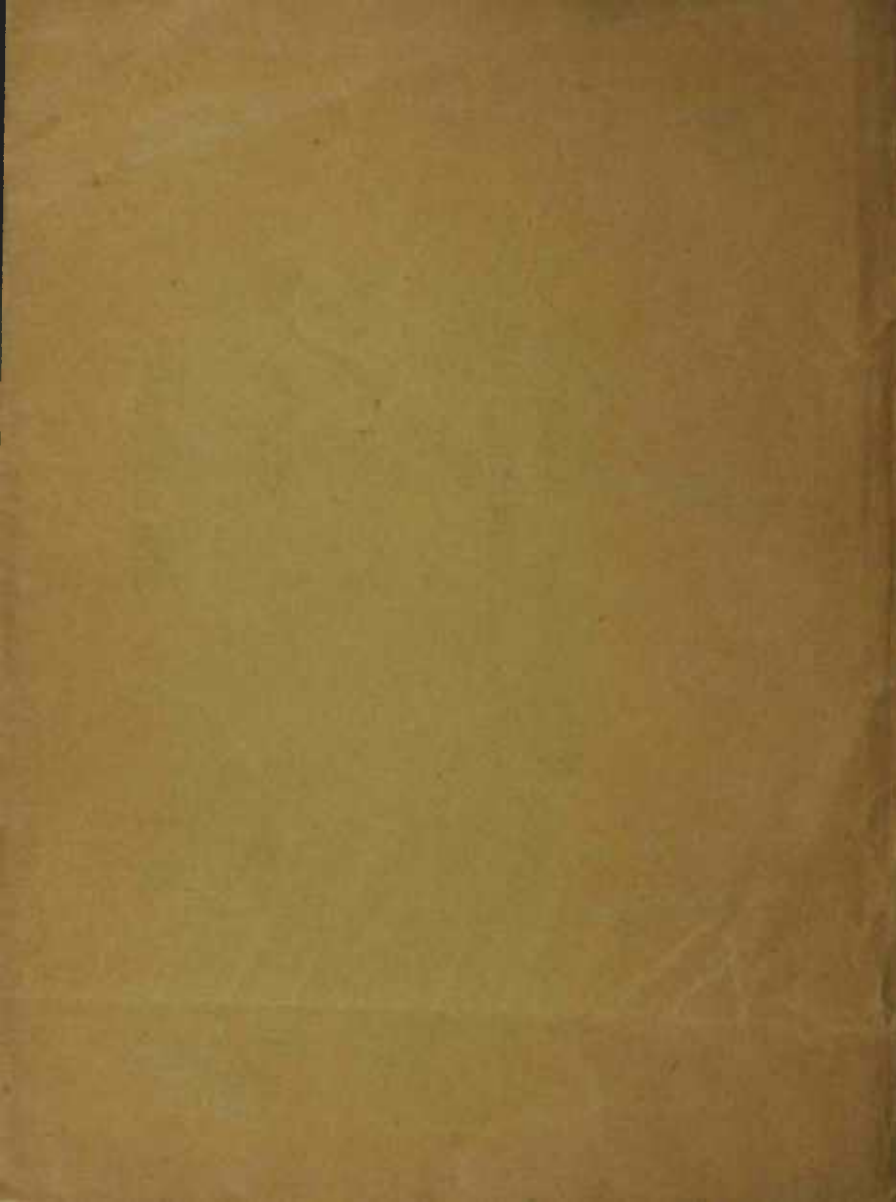
Quanto a Maugrais e á bella Astarté, seu fim foi mais tragico; forão despedaçados vivos na praça de Grève.

O diamante do Armenio veio a ser propriedade da corôa de França, e foi baptisado: *O Regente*.

FIM.

**SUCURSAL EM SAO PAULO**

Rua Barão de Itapetininga, 50 - 6º andar



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).